

A LÍNGUA PORTUGUESA E OS IMIGRANTES HAITIANOS EM CAMPO GRANDE - MS

Leomar Alves Rosa¹
Antonio Carlos Santana de Souza²

Resumo: Com o intuito de debater e compreender as formas de aquisição da Língua Portuguesa por imigrantes haitianos em Campo Grande - MS, este artigo busca colocar posicionamentos, por meio de pesquisa bibliográfica, sobre as condições como essa aquisição se dá, as dificuldades e aspectos tanto da Língua Francesa e Portuguesa que possam facilitar ou dificultar esse aprendizado. Este artigo caminha juntamente com uma pesquisa em andamento intitulada: "Análise Sociolinguística da Fala De Imigrantes Haitianos: Um Cenário Em Campo Grande - MS".

Palavras-chave: Sociolinguística. Imigrantes. Língua portuguesa.

THE PORTUGUESE LANGUAGE AND THE HAITIAN IMMIGRANTS IN CAMPO GRANDE - MS

Abstract: In order to discuss and understand the ways of acquisition of the Portuguese language by Haitian immigrants in Campo Grande - MS, this article seeks to place, through bibliographic research, the conditions as this acquisition occurs, the difficulties and aspects both of the French and Portuguese language that can facilitate or hinder this learning. This article walks along with an ongoing research titled: "Sociolinguistic Analysis of the Speech of Haitian Immigrants: A Scenario in Campo Grande - MS".

Keywords: Sociolinguistics. Immigrants. Portuguese language.

1. Introdução

O domínio da língua que se fala em um determinado território é fundamental quando se tem a ambição de estabelecer uma condição mínima de dignidade de vida e uma convivência de socialização com os demais habitantes da parte que chegamos.

Ao repararmos um famoso exemplo, a cena bíblica da torre de babel, percebemos que um dos fatos que o autor do texto apresenta na "confusão de idiomas" é que os planos daqueles que ali se encontravam, de erguer uma torre até o céu, seriam abalados pelo simples motivos de ninguém mais compreender o que o outro dizia.

¹Mestrando em sociolinguística da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Licenciado em Letras pela UEMS.

²Doutorado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil (2015)
Professor Adjunto da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil

Não bastasse a babel social que muitas cidades brasileiras vivem, o fato de termos uma língua inoperante não é aceitável e nem muito menos bem visto por aqueles que aqui chegam. Falar o português brasileiro, ou ainda, português do Brasil, é uma porta que se abre para muitas pessoas, como os imigrantes haitianos que por aqui aportam.

Mas essa tarefa, a princípio corriqueira e normal, não se torna tão fácil quando colocamos sobre ela a lupa do modo como se ensina, das circunstâncias enfrentadas e o preconceito, por vezes, que o novo falante pode enfrentar.

2. A língua e seus teóricos

Para falarmos de um assunto tão delicado e que envolve uma série de questões relacionadas aos pontos mais sensíveis de nossa sociedade, temos que, obrigatoriamente, nos reportar aos teóricos de nossa língua, principalmente aos que discutem, ou discutiram a língua como foco social e que conseguem vê-la de maneira ampla, atrelada a uma sociedade em movimento e suas ramificações.

Importante é essa delimitação, pois sabemos o quão grande e desafiadora é a área de estudos linguísticos, intensificada nos meados do século XX por Ferdinand Saussure, um estudioso suíço e que pode ser considerado como um dos pioneiros da linguística moderna, ou ao menos por suas ramificações e grandes contribuições que podemos colher de maneira mais cognitiva.

As ideias de Saussure, amplamente conhecidas e disseminadas no meio acadêmico, ganharam força após sua morte, com a publicação de seus estudos por um grupo de alunos. O “Curso de Linguística Geral” perpetuou ideias e pensamentos tendo como visão geral as dicotomias, como língua *versus* fala, sincronia *versus* diacronia, sintagma *versus* paradigma e significante *versus* significado.

Mas o século XX, olhando apenas para um nicho da história, também revelou outras correntes de pensamento no meio linguístico como a defendida pelo estadunidense, Noam Chomsky, um matemático idealista da chamada gramática gerativa, que foca principalmente na aptidão inata do ser-humano em formar enunciados.

O alemão, Edward Sapir, também marcou época com seus registros e suas observações sobre a língua, em que acreditava num modo especial do observador em ter o mundo em sua volta, de certa forma, emanado pela linguagem em que utiliza, em suas falas, observando, por exemplo, tempos verbais e palavras colocadas nas expressões.

Com suas funções de linguagem, o russo Roman Jakobson ampliou o foco na fala e nas ferramentas das análises da comunicação, oferecendo instrumentos para estudos voltados ao modo intencional do emissor na fala até a decodificação da fala perante ao receptor. Um caminho dividido em seis componentes que desdobraria e aumentaria a possibilidade de observação.

Em uma breve descrição dos pensadores e seus objetos atuantes na sociedade, já foi possível notar a tão entrelaçada ligação entre língua e sociedade, como algo indissociável.

Linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base de constituição do ser humano. A história da humanidade é a história de seres organizados em sociedades e detentores de um sistema de comunicação oral, ou seja de uma língua (ALKMIN, 2010, p. 21).

Desde a ideia da criação das línguas, de como elas surgiram em suas raízes, suas divisões em idiomas, da colocada imagem da Torre de Babel, uma história bíblica, por vezes usadas dentro de algumas explicações didáticas, temos ainda o vazio de como chegamos a um topo elevado de amplitude de pensamento, mas no qual a base, o alicerce inicial e primário, ainda resta a ser descoberto e analisado.

Caminhando lado a lado, por exemplo, com a ideia da descoberta da criação do homem, da cura de uma doença avassaladora, como a AIDS, a base das raízes da língua podem e ainda são objeto de desejo de vários linguísticos.

Neste sentido, de complementação, vemos Naro afirmando que

Todos sabemos que as línguas mudam com o tempo. Basta compararmos o português com o latim, ou até com o próprio português da época medieval, para notarmos diferenças em

todos os níveis, desde a semântica até a sintaxe, passando pela fonologia, pelo léxico, pela morfologia, etc. (NARO, 2003, p. 43).

Muito mais que analisarmos esse conjunto de forma isolada nos reportamos então ao todo, a forma real da aplicação no meio em que vivemos, para daí então podermos ampliar a visão e conseguirmos enxergarmos a amplitude da história linguística, de seus modelos de atuação dentro da sociedade, de suas formas atuantes em decisões políticas, de imposição de ideias, de um amplo aspecto de dominação de uma força sobre outra.

Com esse passo para trás, aumentando o campo de visão, como sugerido, poderemos retratar o que por vezes temos hoje, a configuração história atual, seja no meio acadêmico, ou ainda da sociedade geral, leiga.

Mesmo sendo a linha inicial carente de mais respostas, o meio fomentado por ideias revolucionárias, e a aplicação e avanços que hoje são proporcionados, ainda é necessária a ampliação do assunto língua, enquanto objeto de abertura, de empoderamento, para o todo, ou seja, uma ampliação de atuação que pode nos levar a mais horizontes de novas descobertas.

Por mais distante que possamos pensar em uma sociedade pulsante, em relação ao ponto língua, com base na ideia de Morais e Paviani, podemos esperar sim ações, senão globais ao menos locais, tendo que

A língua não é homogênea para as pessoas de todos os grupos, culturas, etnias e regiões. Cada grupo social e cultural domina uma variedade da língua, ou seja, possui uma maneira, um jeito típico de se expressar (MORAIS e PAVIANI, 2002, p. 13).

2.1 As visões mais contundentes

Embora historicamente tenhamos uma grande gama de contribuições perante ao objeto de estudo da língua, é sempre sensível a todos os interessados da área, que destaques, preferências, de correntes ou ideias ainda em construção, sempre acabam nos seduzindo e nos levando a mergulhar com mais profundidade em determinados assuntos.

Como colocado no ponto anterior, bases históricas são necessárias para que possamos, de alguma forma, nos alicerçarmos e termos um arcabouço consistente para novos passos.

Silva pondera ainda:

Se língua é interação, levamos então em conta que a aprendizagem de um código novo deve se dar contextualizadamente, de forma sempre negociada entre os interagentes. Assim, é a relação entre os interagentes professor e aluno que possibilita a construção de sentidos. Se a língua só existe em contextos, é o código contextualizado que vai nos fornecer as bases para a sua compreensão e seu uso - fim fundamental da aprendizagem de línguas (SILVA, 2014, p. 74).

Ainda olhando para esse contexto histórico e de formação, é lícito também colocarmos um panorama geral de entendimento de língua e suas ramificações como podemos observar na figura, o que facilita uma melhor visualização dos campos desbravados.

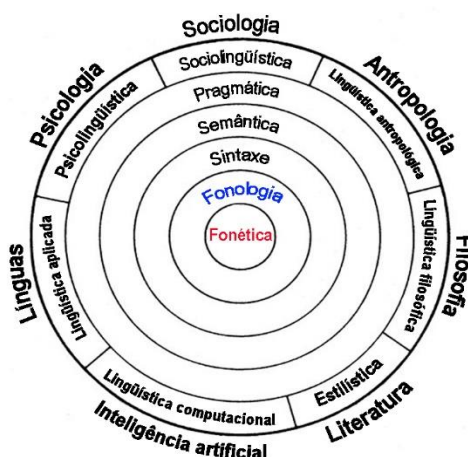


Figura 1 – Panorama do estudo da língua

Fonte: http://labdeensino.blogspot.com.br/p/linguistica-como-ciencia_03.html

Tratando de linguística podemos descrever algumas divisões, ou melhor dizendo, linha de estudos que engloba e permite o aperfeiçoamento desse campo, como a Linguística Descritiva, Linguística Histórica, Linguística Teórica e ainda uma Linguística Geral.

3. A Sociolinguística

O termo Sociolinguística, claramente formado a partir da palavra social com linguística, suporta uma definição do que mais objetivo se poderia pensar

ao estudar uma língua. Sem intenções de desmerecer uma ou outra corrente, a via dos sociolinguístas encaixa perfeitamente em uma trajetória que deve unir pontas distintas, afim de chegarmos ao mais próximo de um quadro linguístico na sociedade.

O termo Sociolinguística, relativo a área da linguística, fixou em 1964. Mais precisamente, surgiu em um congresso, originado por William Bright, na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), do qual participaram vários estudiosos, que se constituíram, posteriormente, me referências clássicas na tradição dos estudos voltados para a questão de relação entre linguagem e sociedade: John Gumperz, Einar Haugen, William Labov, Dell Hynes, John Fisher, José Pedro Rona (ALKMIN. 2010, p. 28).

A colocação de Alkmin retrata o momento inicial na qual o termo foi cunhado e que vem sendo desenvolvido, pelos mais de 50 anos, em diferentes partes do globo terrestre, com a mesma intensão de olhar de uma maneira mais direta, alicerçados nas teorias que a sustentam, essa interação entre humanidade e língua.

Muitos ainda veem a corrente Sociolinguística como uma via de depreciação do “certo”, favorecendo o “errado”, isso tudo em um contexto de fala e de interação entre as pessoas no seu cotidiano comum.

O simples fato de aceitar a comunicação eficaz, como uma forma “correta” de se expressar, assusta a muitos teóricos da língua, como se o que se diz e o que se lê em uma gramática normativa também não tivesse suas origens do meio social, lembrando a velha máxima da língua em movimento, do meio comum alimentando as atualizações de gramáticas e dicionários.

Pandovani e Sanches esclarecem ainda que

Apesar da sociolinguística ter diferentes temas de investigação, uma coisa que une todos os estudiosos da área é o interesse em compreender de que modo os indivíduos usam a linguagem. Em outras palavras, os sociolinguístas não estão apenas interessados em documentar as diferentes linguagens, mas também querem responder perguntas como: Quem usa essas diferentes formas ou variedades linguísticas? Eles são conscientes da sua escolha? Por que algumas formas ou línguas se impõem sobre outras? Existe alguma relação entre as formas

em fluxo em uma comunidade de falantes? Que tipo de informação social atribuímos a diferentes formas em uma língua ou diferentes variedades linguísticas? Quando podemos mudar ou controlar a linguagem que usamos? A partir das repostas encontradas a estas perguntas o linguista pode demonstrar que a variação é previsível e determinada por fatores linguísticos e/ou extralinguísticos (PANDOVANI e SANCHES, 2016, p. 544).

Os sociolinguístas atuais também se deparam com situações ainda mais explícitas de novas linhas ligadas ao assunto língua, sendo eles responsáveis, por muitas vezes, em dar sentido para problemas sociais quando a vertente envolve a fala de um certo indivíduo ou comunidade na qual ele está inserido.

Quando a língua estudada não é desligada do seu indivíduo emissor, tem-se uma nova condição, um novo paralelo a ser elencado no objeto do estudo, independentemente da vontade do pesquisador.

Como relata Candau (2008, p. 45), neste contexto, extremamente vivo e plural de discussão e busca, algumas questões podem ser identificadas como ocupando uma posição central nos debates, sendo expressão de matrizes teóricas e político- sociais diferenciadas. Entre elas podemos citar a problemática da igualdade e dos direitos humanos, em um mundo marcado por uma globalização neoliberal excludente, e as questões da diferença e do multiculturalismo, em tempos de uma mundialização com pretensões monoculturais.

Essas relações sociais, entre língua e indivíduo, que desembocará em um espectro mais amplo, mostra o quanto podemos ganhar em relação ao contexto linguístico, ao domínio social e individual em prol do falante, como reforça Bagno.

A história das línguas e das sociedades conta que para haver alguma grande mudança nos conceitos de língua “certa” e língua “errada”, é preciso que também haja, ao mesmo tempo, uma grande e radical transformação das relações sociais (BAGNO, 2003, p. 31).

A concepção da Sociolinguística como uma área que olha para o meio de uma comunidade, investigando seus aspectos, reforça sua multifacetada, seu

brilho heterogêneo, que nega a supremacia da homogeneidade forçada, possibilitando aferir os usos da língua solidamente, ganha aporte na fala de Alkmin (2010, p. 42), que diz que para a Sociolinguística, a natureza variável da língua é um pressuposto fundamental, que orienta e sustenta a observação, a descrição, e a interpretação do comportamento linguístico. As diferenças linguísticas, observáveis nas comunidades em geral, são vistas como um dado inerente ao fenômeno linguístico.

Portanto, desde os estudos de Labov na década de 1960, ou mesmo antes com as atividades de Meillet e Bakhtin, juntamente com os demais membros do Círculo Linguístico de Praga, no começo do século passado, podemos observar a finalidade dos estudos Sociolinguísticos se ajustando ao seu tempo, em determinadas épocas, mas com os objetivos ainda centrados em um foco comum, o do enriquecimento da língua, com destaque para Cezário e Vorre.

A sociolinguística, com suas pesquisas baseadas na produção real dos indivíduos, dá-nos informações detalhadas acerca das variantes produzidas pelas pessoas mais escolarizadas, sobre as variantes que deixaram de ser estigmatizadas, e das mudanças já implementadas na fala, mas que ainda não são aceitas nas gramáticas normativas. Com isso, a área da educação se enriquece com as informações que podem ser usadas também no ensino da língua culta, que passa a ser baseada em dados reais (CEZÁRIO e VORRE, 2009, p. 152).

4. Campo Grande como lugar de morada

Muitos haitianos chegaram em Campo Grande por meio da viagem de ônibus feita entre o Acre e Mato Grosso do Sul. Como os dados oficiais são falhos, ou inexistentes, muito do que se sabe sobre esse trajeto é por via de conversas e registros orais com os próprios imigrantes que aqui estão.

Esses contam que optaram por Campo Grande por recomendação dos que aqui chegaram primeiro e nem imaginavam de como seria a cidade, onde ficariam e por quanto tempo.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com dados de 2014, Campo Grande é 20ª cidade mais populosa do Brasil e com população superior a 730 mil habitantes. Localizada próxima a cidades como Rio

de Janeiro e São Paulo, é constantemente rota de imigrantes também da América do Sul, como Paraguai e Bolívia.

Diante desse cenário muitos haitianos acabaram por se estabelecerem na região do Bairro Rita Vieira, na região leste da cidade. Ali contaram com o apoio de outros imigrantes que já haviam se estabelecido.

Não é claro o fato da escolha do bairro, mas um dos motivos mais plausíveis é a proximidade com a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), que também abriga no seu entorno pensionatos com imigrantes de outras nacionalidades que ali chegam para seus estudos.

Reportagem da Secretaria de Estado de Direitos Humanos, Assistência Social e Trabalho (Sedhast), do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, traz um relato sobre o médico oftalmologista e imigrante haitiano oriundo da UFMS, Jean Zephyr e sua esposa Marisa Zephyr, que atendem os imigrantes de forma voluntária. Eles contam que o trabalho surgiu há aproximadamente dois anos e meio e foi motivado pela dificuldade que muitos encontravam ao chegarem na cidade.

Ficamos sabendo de um pequeno grupo que chegava a cidade e cada vez mais aumentando. Hoje temos, aproximadamente, 80 haitianos que estão na Capital e que ajudamos com a língua portuguesa, atividades de artesanatos e integração no mercado de trabalho, conta Marisa.

O Bairro Rita Vieira também é uma área em ascensão na Capital, quanto ao quesito imobiliário. A oferta de empregos geradas pelas construções pode ser também um motivo bem relevante de instalação dos novos imigrantes por ali, já que muitos tiveram na construção civil a sua oportunidade de emprego.

Em 2016, o jornal on-line Top Mídia News, de Campo Grande, fez uma série de reportagens sobre os imigrantes haitianos na cidade e constatou, por exemplo, casos de primeiro emprego na cidade.

Finalmente em Campo Grande, Camius, que mora com o primo, ficou um mês a procura de emprego. Foi então que, depois das conversas que ele ouvia dos colegas e amigos, foi ao escritório de uma empreiteira e conseguiu trabalho como servente de pedreiro. Só que agora Camius está há dois meses sem receber.

Clervil enfrentou a mesma viagem. Diferente da maioria dos colegas, ele não consegue articular muitas palavras em Português. Estrangeiro, refugiado, pobre. O haitiano, que fala Francês, Crioulo e um pouco de Inglês, era jardineiro em uma escola no Haiti, mas não consegue arrumar trabalho.

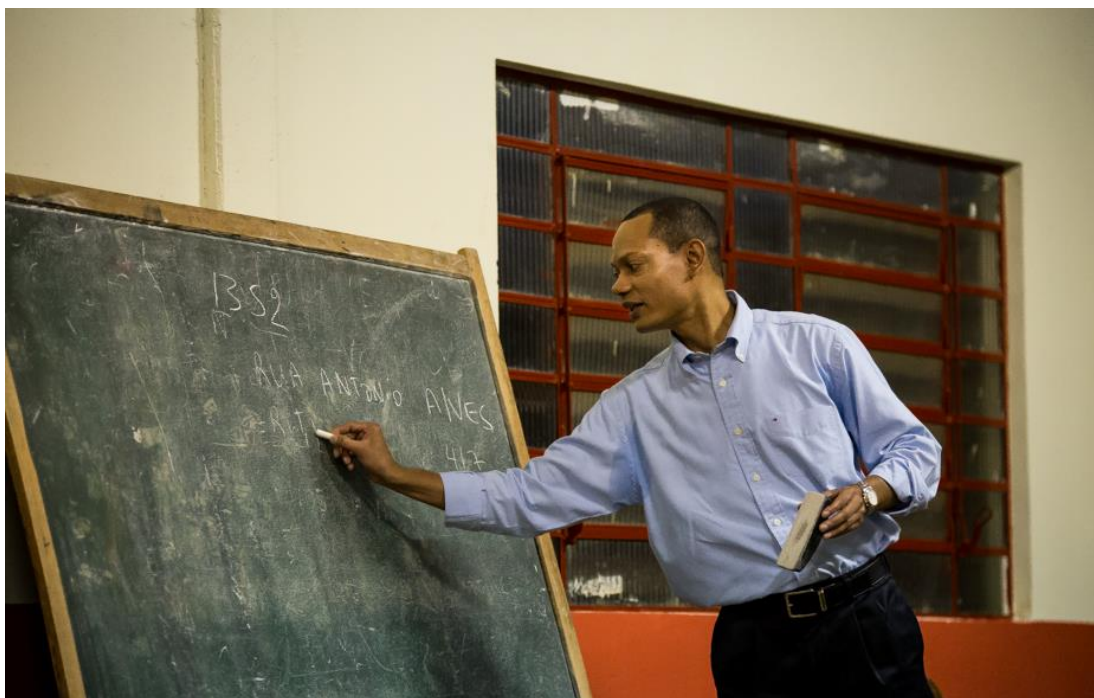


Figura 2 – Médico Jean Zephyr ensinando a Língua Portuguesa para os imigrantes haitianos

Fonte: <http://www.topmidianews.com.br/> (Deivid Correia)

Os dados levantados estimam quem em 2017 entre 80 e 100 haitianos estejam morando em Campo Grande. Esse número é variável, pois a busca pelo emprego se dá constantemente, e outros municípios de Mato Grosso do Sul recebem, às vezes de forma temporária, trabalhadores imigrantes.

A cidade de Três Lagoas, no leste do estado, é também um dos polos de quem busca emprego. A cidade oferece campo de trabalho em grande indústrias de celulose, que recentemente se instalaram na região, como também na área da construção civil, com a construção do Polo Petroquímico da Petrobrás.

Sua próxima com a divisa do estado de São Paulo também é fator que atrai os imigrantes haitianos. Conforme levantamento prévio do Centro em Direitos Humanos, ligado à Sedhast, aproximadamente 500 haitianos residem na cidade.

O município de Eldorado, no sul de Mato Grosso do Sul, com seus frigoríficos, também atrai trabalhadores haitianos, com oferta de empregos em diversa áreas. A estimativa também do Centro em Direitos Humanos apontam para cerca de 350 no local.

É importante ressaltarmos que mesmo os números colocados não tendo caráter de levantamento oficial, mostram bem a necessidade imediata de renda que a maioria dos imigrantes haitianos necessitam.

Muitos deles contam que com o dinheiro levantado com o trabalho é para cobrir custos como alimentação, moradia e transporte e o que sobra, mesmo sendo de pouca monta, é encaminhado para familiares no Haiti.

Uma estimativa informal da embaixada do Haiti revela que mais de 1 mil haitianos vivem em Mato Grosso do Sul e necessitam de documentação. Parceria do Governo do Estado com a embaixada do Haiti e o Ministério Público de MS, também foi realizada em 2015 verificando cidadãos haitianos com pendências de documentação, como por exemplo, a certidão consular e a validação do passaporte.

5. O ensino no Brasil e os novos e velhos desafios

A educação brasileira tem se mostrado cada vez mais inclusiva, principalmente da década de 1990 na educação básica e dos anos 2000 em diante no ensino superior, com os novos planos de educação vigentes em diferentes governos da esfera federal. Mas quando falamos em inclusão notamos também que a qualidade não acompanha o ritmo dentro dos anos fundamentais e médio.



Figura 3 – Ilustração da educação brasileira

Fonte: http://labdeensino.blogspot.com.br/p/linguistica-como-ciencia_03.html

Em diversos testes nacionais e internacionais como o *Programme for International Student Assessment* (Pisa), ou em tradução livre, Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), os resultados se mostram cada vez mais deploráveis e com uma perspectiva muito pequena de melhora, ou quase nenhuma. Uma outra questão ainda que podemos lembrar, apenas a título de registro, é o grande número de alunos que abandonam o ensino médio ou nele nem chegam a ingressar.

Pisa - nível básico

Porcentagem de estudantes brasileiros que estão abaixo do nível básico de proficiência nas três áreas avaliadas



FONTE: OCDE/Pisa 2015



Infográfico elaborado em: 05/12/2016

Figura 4 – Gráfico OCDE/Pisa 2015

Fonte: www.g1.com.br

Esse é o ponto de partida básico de um sistema educacional que agora tem pela frente um grande desafio que é de levar o conhecimento, no nosso caso em discussão de Língua Portuguesa, a inúmeros estrangeiros refugiados e

imigrantes que cruzam nossas fronteiras em um ritmo cada vez maior a cada ano, mas como diz Guerra (2011, p.3)

O português, como todas as línguas, é heterogêneo. Cada grupo dentro de uma comunidade possui características próprias do seu falar. A essas diferentes modalidades de língua chamamos variedades linguísticas. Por sua vez, a corrente da pedagogia da variação linguística defende um ensino de português desprovido de qualquer preconceito em relação à variedade dialetal usada pelo aluno (GUERRA, 2011, p.3).

Afunilando ainda mais essa ótica da problemática temos uma escola regular na qual o nível gramatical é o que ainda dita o aprendizado do aluno, por vezes desconsiderando aquilo que ele traz de casa, como fonte de conhecimento pleno. Muitas vezes esse grau de parametrização é colocado como meta e foco para que haja sucesso em determinadas áreas, se esquecendo do seu meio social e sua realidade latente. Waal (2009, p.985) afirma que

A Língua Portuguesa é vista como um sistema fechado, onde mudanças não são “permitidas”, há uma fragmentação no ensino onde as aulas de gramática não se relacionam com as aulas de leitura e produção textual (WAAL, 2009, p. 985).

Ainda que esse foco, o da gramática normativa, tenha seu devido espaço é papel do profissional, no caso o professor ou professora de Língua Portuguesa, resgatar e lapidar o que se tem com o que se deve ter, ou seja, a bagagem do aluno com aquilo que ele realmente necessitará para seus tratos profissionais e educacionais.

Dentro desse escopo, com uma aproximação maior ainda e algumas dificuldades inerentes de cada língua trazida para o Brasil, inserem-se o estrangeiro com a missão de se adaptar ao modelo de ensino-aprendizagem do sistema escolar brasileiro. Focando no “gramatiquês” “a gramática transforma-se em ‘algo’ nocivo à aprendizagem, característica que é confirmada na prática cotidiana em sala de aula, onde o objetivo do ensino da Língua Portuguesa tem-se restringido ao ensino das estruturas e regras gramaticais da língua, ignorando seu principal objeto de estudo: a linguagem em suas várias formas de comunicação e interação humana.” (Waal, 2009, p. 987).

Como vemos nesse artigo, os haitianos também precisam em seu país natal de uma adaptação de suas realidades locais, com o crioulo como língua diária, e o francês como a língua aplicada no ambiente escolar.

Talvez esse seja um dos maiores desafios, remontar em um contexto do século XXI aquilo que Labov (2008[1972]) estruturou com os negros americanos em seu estudo peculiar. Harmonizar a Língua Portuguesa tanto para o cotidiano como para o ambiente profissional, alinhando as características originais de cada pessoa estrangeira, sem ainda desconsiderar o atual meio brasileiro que este imigrante está instalado, sem dúvida, é um dos maiores desafios de quem está disposto a ensinar.

Ensinar a Língua Portuguesa para um imigrante da periferia de Porto Príncipe, Capital do Haiti, que hoje vive em Campo Grande, mas que teve o crioulo e o francês como base, sem desconsiderar os aspectos regionais do falar campo-grandense exigirá muito mais que uma aula de regras, ou seja, de gramática.

Como veremos a seguir, o papel de inclusão desses imigrantes também precisou ser analisado do crioulo para o francês. Um caminho de trajetórias distintas, mas ao mesmo tempo semelhantes, que se aplicam em algum grau ao novo desafio em que ele terá para aprender a língua oficial falada no Brasil.

6. A Língua Portuguesa e os falantes do francês

Os estudos sobre a aprendizagem de uma língua contam com diversas teorias relacionadas, principalmente quando pensamos de qual maneira o futuro falante irá se posicionar em relação ao novo desafio, especialmente no âmbito da fluência oral.

Como se percebe, quando ouvimos um estrangeiro, independentemente da nacionalidade, pronunciar a Língua Portuguesa falada no Brasil, mais comumente chamada de português brasileiro, notamos uma certa peculiaridade em sua fala que o distingue, muitas vezes, do falante nativo.

Almeida (2006, p. 97), ao discutir as questões fonéticas de aprendentes do francês, um caminho inverso, mas nem por isso diferente da trajetória aqui colocada, reforça essa visão, alegando que

Os estudos sobre a aprendizagem de uma língua não materna (L2) têm discutido as semelhanças e diferenças entre a aquisição de uma língua estrangeira e a aquisição de uma língua materna (L1) (ALMEIDA, 2006, P.97).

Como sabemos, o francês é uma língua românica pertencente à subfamília itálica que, por sua vez, pertence à família indo-européia, aplicada também como língua oficial da Bélgica, Suíça e de países e regiões que são, ou foram, colônias francesas, como a Guiana Francesa, África norte-ocidental, Indochina, Haiti, Madagascar e parte do Canadá.

A Língua Francesa, como oficial do Haiti, país de origem do *corpus* de nossa pesquisa, divide espaço também com outros dialetos, sendo também considerado uma língua oficial daquele território¹, o crioulo haitiano, o que por muitas vezes pode gerar ainda mais dificuldades ou facilidades na aquisição da Língua Portuguesa.

Mas, conforme Rodrigues (2008, p.66), esse duplo *status* de línguas oficiais naquele território cumpre apenas uma função burocrática:

O Haiti é um Estado oficialmente bilíngüe. Este “bilingüismo”, porém, não reflete a realidade. É desigual e até mesmo desequilibrado em certos meios socioeconômicos. Apesar de seu status de língua oficial – há tão pouco tempo alcançado – o crioulo não é, de forma alguma, um idioma de prestígio (RODRIGUES, 2008, p. 66).

Isso porque quando falamos em aquisição de uma nova língua também pensamos no processo decorrente que se fará necessário, como a percepção de uma nova estrutura gramatical e ainda valores sociais intrínsecos nessa língua, como exemplifica Barbosa e Durão (2008, p.15), alertando que

A ausência de uma língua materna, incluída aqui como referencial do indivíduo aprendiz de uma língua estrangeira, como parâmetro social, pode revestir-se de um caráter impeditivo e até de rejeição à língua estrangeira (BARBOSA e DURÃO, 2008, p. 15).

Mais ainda que situações de ordem estrutural, da gramática normativa, quanto na escrita como na fala, pensamos em um cenário de desfavorecimento para essa aquisição que pode acontecer com mais ou menos intensidade em relação às condutas sociais abordadas com esse novo aprendiz.

Em nosso caso, podemos ainda reafirmar o pensamento de Barbosa e Durão (2008, p.15), referente a esse fator:

¹Desde a independência do Haiti em 1804, apenas o francês era considerada língua oficial. O crioulo só passou também a ser considerado como língua oficial em 1964.

Não seria exagerado dizer que o aprendizado de uma segunda língua esbarra na questão da identidade. Ao entrar em contato com um idioma diferente do materno, o indivíduo, forçosamente, “contrapõe-se” a sua língua nativa, assim como seus costumes, valores e tradições (BARBOSA e DURÃO, 2008, p. 15).

Dentre as diferenças e semelhanças entre a Língua Portuguesa e Língua Francesa Almeida (2006, p. 97), aponta uma como preponderante, sendo também como uma maior dificuldade em busca de uma plena comunicação no nível padrão estabelecido é merecido lembrar um ponto no qual

As vogais nasais do francês diferem das do português pela altura: em francês, as vogais nasais são associadas ao nível de altura baixo, por oposição ao português em que são associadas ao nível de altura alto ou médio (ALMEIDA, 2006, p. 97).

Sabemos então que mesmo com todo o empenho levantado pelo imigrante aqui estabelecido, e tendo o francês como idioma escolar de base em seu país natal, as condicionalidades necessárias para essa aquisição no Brasil, do português brasileiro, deverão estar alinhadas com os anseios de curto e longo prazo desse aprendiz, considerando todo um escopo social que, mesmo por hora, esse esteja inserido.

Portanto, a necessidade de habilidades para se conhecer a língua deve também respeitar o modo e a maneira de como ela será colocada, levando em conta realmente a estrutura real e também o alicerce, aqui o crioulo haitiano juntamente com o francês, tido como mais oficial pelo seu prestígio. Caso contrário poderá se repetir um ciclo não vantajoso como cita Contiguiba e Contiguiba (2014, p. 68):

Assim, por muito tempo no Haiti ensinava-se maciçamente nas escolas a língua francesa, mas os haitianos continuavam falando o Kreyòl; pregava-se o catolicismo e o protestantismo, mas a prática de transcendência era o vodu. É nesse cenário sociocultural que se desenvolve o sistema educacional no Haiti (CONTIGUIBA, 2014, p. 68).

7. Considerações Finais

Mais do que apenas uma série de dados, uma nova visão ou ainda um novo recorte da sociedade, o andamento desta artigo nos mostrou o quanto as

peças podem ser iguais, independentemente de sua nacionalidade, e ao mesmo tempo tão diferente de nós, que muitas vezes ficamos com o pensamento reservado em um pequeno círculo de convivência, seja ele no trabalho, com amigos, ou em pontos da cidade.

A análise sociolinguística, inspirada em teóricos da área, baseou a abordagem do trabalho, como forma de delinear um campo de atuação e compreensão desses fenômenos detectados.

Fazermos uma retrospectiva introdutória da história linguística foi muito pertinente para olharmos como um todo processos antes despercebidos. O quanto valorosos homens dedicaram muito tempo de suas vidas investido em posições para que hoje tivéssemos no que nos apoiarmos e sustentarmos novas bases para avançarmos em um futuro promissor.

Vir para o Brasil em busca de oportunidades não deve ter sido fácil para eles. Não que tenham reclamado do fato em algum momento de nossa convivência, mas é notório o quanto bem eles falam de sua terra natal, o que deixa transparecer o tom de saudade. Defensores também de sua soberania, frisam que os problemas lá existem, mas não são motivo de se entregarem, ou melhor ainda, formam uma motivação para novos horizontes que tragam benefícios reais aos seu povo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Leticia. Os erros fonéticos de aprendentes lusófonos do Francês. XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. APL, p. 97-108, 2006.

BAGNO, Marcos. Preconceito Linguístico: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

BAGNO. M. A Norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo. Parábola Editorial. 2003.

BAGNO, Marcos e RANGEL, Egon de O. Tarefas da educação lingüística no Brasil. PUC-SP - Rev. Brasileira de Lingüística Aplicada, v. 5, n. 1, 2005

BARBOSA, Maranúbia; DURÃO, Adja. Cenas de um Processo de Aquisição e de Aprendizagem da Língua Francesa por um Falante Nativo da Variante Brasileira do Português: Um Estudo de Caso. *Estudos Linguísticos*, Londrina, n. 11/1, p. 13-41, jul. 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa, ensino médio. Vol. 3. Brasília, 2000.

CANDAU. Vera Maria. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação. *Revista Brasileira de Educação* v. 13 n. 37 jan./abr. 2008.

CALVET, Louis-Jean. Sociolinguística: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. Português: linguagens. literatura, produção de texto e gramática. 3ª ed. São Paulo: Atual, 1999.

CEZARIO. Maria. M. e VORRE. Sebastião. "Sociolinguística". In: Manual de linguística. MARTELOTTA. Mário. E. (org.). 1ª edição. São Paulo. Contexto, 2009.

CONTIGUIBA, Marília. CONTIGUIBA, Geraldo. Imigração Haitiana para o Brasil: Os Desafios no Caminho da Educação Escolar. *Revista Pedagógica*. V.17, N.33, JUL./DEZ. 2014.

GUERRA, Pollianny. Norma culta e norma-padrão: desfazendo os sinônimos. Belo Horizonte. *Parlatorium*. Revista eletrônica da Faminas. Jun.2011. Disponível em: <http://www.faminasbh.edu.br/upload/downloads/201112061824034532.pdf>

LABOV, William. Padrões sociolingüísticos. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PANDOVANI. Bruna F. S. de L. e SANCHES. Romário D. Interface entre a Sociolinguística e a Dialetologia. *Web - Revista Sociodialeto*. Volume 6. Número 18. Maio de 2016.

RODRIGUES, Luis Carlos. Francês, Crioulo e Vodou: A Relação Entre Língua E Religião no Haiti. UFRJ, 2008. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/pgneolatinas/media/bancoteses/luizcarlosbalgarodriguesdoutorado.pdf>

SILVA. Rosa T. Capítulo IV: O português como segunda língua: descrição e ensino. *Revista PucRio*: Rio de Janeiro, 2014.

SOUZA, Antonio Carlos Santana de. Explicações causais e finalistas. O estruturalismo diacrônico em face da mudança linguística. Sentido das interpretações “TELEOLÓGICAS.” In: Pereira, Danglei de Castro; Rodrigues, Marlon Leal. Língua e Literatura I: questões teóricas e práticas. São Paulo: Nelpa, 2010. pp. 175-2061.

TARALLO, F.; ALKMIN, T. Falares crioulos: Línguas em contato. São Paulo: Ática. Série Fundamentos, 1987.

WAAL, Daiane Van Der. Gramática e o ensino da língua portuguesa. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. 2009. Disponível em:
http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2003_1006.pdf